

A pesquisa da fotografia e da imagem no Curso de Jornalismo da UEPG¹

Hygor Leonardo dos Santos²

Carlos Alberto de Souza³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo

Este trabalho tem como proposta realizar um levantamento da pesquisa em Fotografia e Imagem no Curso de Jornalismo da UEPG, procurando evidenciar aspectos e tipos de produção, bem como os métodos utilizados pelos alunos e docentes envolvidos com esta área do conhecimento. Para realizar a investigação, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, levantamento da produção docente - via Lattes e anais de eventos científicos -, entrevistas e mapeamento geral da produção nos últimos 10 anos, considerando que a pesquisa nesta área vem crescendo no curso e recebendo a atenção de uma parcela do corpo docente. Acredita-se que o resultado deste trabalho contribui para incentivar, junto à comunidade acadêmica do Departamento de Jornalismo, análises envolvendo a produção e circulação de imagens na mídia.

Palavras-chave

Fotografia, Pesquisa, Método, Jornalismo.

Introdução

A proposta desta pesquisa é analisar a produção científica dos professores e técnicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR no campo do fotojornalismo e da imagem. Para isso, realizou-se um levantamento das investigações e de outras atividades desenvolvidas na área (artigos publicados, livros, anais de eventos, apresentação de trabalho, capítulos de livros, orientações de TCC e de Iniciação Científica) tendo como ponto de partida a verificação do *Lattes*, entrevistas, análise da produção e acompanhamento de outras atividades relativas a essas temáticas.

¹: Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluno do segundo ano do Curso de Jornalismo da UEPG. Integrante do Grupo de Extensão Foca Foto e do Grupo de Pesquisa Foto&Tec. Email: Hygoreos3@gmail.com

³Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em comunicação pela UFRGS e Doutor em Ciências Humanas (Interdisciplinar) pela UFSC. Coordenador do Grupo de Pesquisa Fotografia, Imagem e Tecnologia (Foto&Tec). Integrante das linhas de Pesquisa Imagem na Relação Arte e Ciência; Processos jornalísticos, representações e práticas socioculturais. Email: carlossouza2013@hotmail.com

Antes de dar sequência a análise é importante realizar uma reflexão sobre a fotografia e os avanços ocorridos na área tecnológica, que permitiu a popularização de máquinas fotográficas e de vídeo. O processo de popularização foi ampliado após os anos 80 do século passado, com a introdução do sistema digital de captação de imagens e, mais recentemente, com a telefonia móvel. Foi uma grande revolução a passagem do modelo analógico para o digital (FATORELLI, 2017), fato que também se pretende abordar de forma breve neste trabalho.

A fotografia teve início oficial com o desenvolvimento da daguerreotipia, porém foi preciso ainda um bom tempo para que a inovação conseguisse alcançar os jornais e a imprensa. Os impressos da época faziam o uso de ilustrações por meio de técnicas rudimentares. O uso da fotografia passava pela dificuldade de conseguir uma imagem impressa clara o suficiente que abrangesse toda a gama de tons diferentes de cinza que formam uma imagem em preto e branco. Segundo Freund (1994), para dar credibilidade às ilustrações, os jornais hesitavam em usá-las, ainda que apenas como base para os desenhos, devido a má qualidade do material fotográfico e, também, de uma tradição no meio jornalístico daquela época. Tais ilustrações eram sempre acompanhadas de legenda, explicando aos leitores que aquela imagem fora produzida a partir de uma fotográfica.

Para Jorge Pedro Souza, esta dificuldade estava não só nas técnicas, mas também na mente dos editores e do público leitor.

Imbuídos de uma mente literária, os editores resistiram durante bastante tempo a usar fotografias com texto, não só porque desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica, mas também, julgamos nós, porque as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante na época. (SOUSA, 2004, p.17)

A cultura fotográfica nos jornais só foi se tornar popular realmente a partir de 1882, com um avanço nas tecnologias de impressão (FELZ, 2008) e de captura. Aumenta, aos poucos, a compreensão sobre as potencialidades da fotografia para a imprensa.

Com o início dos anos 80, entra em cena a popularização do sistema digital de captação de imagens. Já não era mais preciso filme, reveladores, câmaras escuras e tempo para ver a foto. Foi uma grande revolução no mundo. O repórter fotográfico já conseguia uma respectiva facilidade para enviar de qualquer parte do mundo suas coberturas fotojornalísticas sobre a guerra, quedas de governo, eleições presidenciais ou casamentos imperiais, utilizando para isso de computadores de mão.

Mudanças de sistema

Na segunda parte do século XX e começo do século XXI, o campo da comunicação se transformou, especialmente a área da captura e produção de imagens. A chegada de novas tecnologias digitais permitiu registrar com qualidade os acontecimentos jornalísticos de forma mais rápida e fiel. Isso impulsionou o mercado editorial, com a ampliação do número de jornais e revistas pelo mundo (FATORELLI, 2017).

Desde os primórdios da fotografia, a imagem fotográfica era confundida com a própria realidade. Acreditava-se que captava o real, fato que foi sendo desmistificado com o tempo. Sabe-se hoje que registro fotográfico é apenas um recorte do real, um índice, indicando que alguma coisa aconteceu (para se referir ao campo do jornalismo). Mas, uma imagem pode ser manipulada, acrescentada, pode induzir a interpretações erradas, quando se opta por um determinado recorte, mais fechado ou aberto. O fotógrafo, dependendo de sua índole, pode até interferir na cena, retirando ou adicionando determinado objeto, descontextualizando o momento. Há vários exemplos na literatura de que, de forma intencional ou não, mudou-se o sentido de uma imagem para enaltecer alguém ou algum grupo ou mesmo para prejudicá-los.

Trata-se de um processo subjetivo, sujeito ao fotógrafo, ao contexto, a aspectos da cultura e da ideologia dominante. Em razão desses fatores, entre outros, a fotografia pode sofrer um processo de transformação, mudar o sentido, destacar uma determinada coisa e não outra.

Mauad (2005) afirma que a fotografia carrega em si todas as experiências do humano que a registrou. Mas, enfatiza que sofre influências do meio cultural, político, econômico. Sofre pressão dos governos (especialmente em ditaduras) e da própria política editorial das empresas jornalísticas, onde trabalha o fotógrafo.

A fotografia [...], sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se, enquanto tal, em códigos convencionados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual está inserida como mensagens. (MAUAD, 2005, p. 133)

Arlindo Machado, em *A Ilusão especular*, desmistifica a ideia do registro fotográfico como reflexo da realidade. Afirma que toda imagem fotográfica é uma

construção e, como construção, possui uma representação ideológica. Nas palavras do autor:

Se é verdade que os critérios de 'imitação' do mundo visível pelos signos figurativos são decorrência da história do grupo social que os pratica e se é verdade que cada grupo representa o que vê e vê o que representa a partir de certos pressupostos gnosiológicos que conformam o seu modo particular de se impor na sociedade, então o exame detalhado do código da fotografia e de seus sucedâneos deverá revelar - esperamos -, a estratégia operativa da burguesia ascendente que o inventou" (MACHADO, 1987, p.20)

Dubois (1994) observa que o papel da fotografia, entre outros, é o de auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo e, com isso, a busca por uma objetividade utópica parece ser o anseio do fotógrafo. Contudo, considera que é no ato fotográfico, gesto do corte na fotografia, que se estabelece a interação entre a subjetividade do fotógrafo e o objeto fotografado.

O corte temporal que o ato fotográfico implica, não é, portanto, somente redução de uma temporalidade decorrida num simples ponto (o instantâneo), é também passagem (até superação) desse ponto rumo a uma nova inscrição na duração: tempo de parada, decerto, mas também, e por aí mesmo, tempo de perpetuação (no outro mundo) do que só aconteceu uma vez. (DUBOIS, 1994, p.174)

Fotojornalismo

Na área do jornalismo, a invenção da foto foi marco importante. Permitiu aos veículos impressos registrar os fatos e acontecimentos, garantindo maior credibilidade a mensagem impressa. A partir da fotografia, jornais se remodelaram, ampliaram o número de páginas, deram mais visibilidade aos fatos, utilizando como estratégia a capa, onde - a partir de um determinado momento do passado -, foram sendo recheadas por imagens fotográficas e outros tipos de ilustrações, com a finalidade de atrair a atenção dos leitores.

O campo da fotografia e do fotojornalismo é rico e merece investigação, especialmente na contemporaneidade, em que a imagem assume papel de protagonista da mídia. Jornais, revistas, emissoras de TV, internet já não podem abrir mão da imagem para se contatar a seu público, a seus leitores. Trata-se de um campo muito fértil para a investigação dos fenômenos sociais e comunicacionais.

A imagem é cada vez mais um suporte indispensável para compreender a realidade, os problemas sociais e urbanos que, por exemplo, vivenciam-se nas grandes cidades. Como diz Maffesoli e Debord vive-se na sociedade em que a imagem conecta o homem à sua realidade e ao contexto. E como Debord lembra-nos muito bem, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada pelas imagens”. Observar a imagem nos traz uma compreensão não apenas do que a imagem é, mas também de toda a realidade da qual o registro vem carregado. Não há forma de ignorar as mazelas do mundo após observar fotografias de guerra ou pobreza. Assim, a foto também tem um poder ‘maior’ do que registrar momentos. Ela pode, com seu grau de significação, aproximar culturas e denunciar problemas.

No início deste artigo, procurou-se evidenciar a importância da fotografia, seu papel social e a contribuição ao desenvolvimento da comunicação e do Jornalismo. Por isso mesmo, pela importância social da imagem e do jornalismo em nossas sociedades, é importante que as universidades e institutos de pesquisa se debruçam sobre o campo da imagem, um campo que promete revelar muito de nossa existência. Mas, antes de ingressar no objeto de estudo, convém explorar um pouco mais o fotojornalismo.

A fotografia surgiu nos jornais inicialmente para ilustrar as notícias, principalmente nos contextos de guerra. Além de dar credibilidade à matéria, mostrando que o jornalista esteve no local, o fotojornalismo também serve para chamar a atenção a respeito de um determinado fato. Nos jornais e revistas impressas, por exemplo, capa conta muito. Na maioria das vezes, os editores recorrem a fotos expressivas de um acontecimento como estratégia de venda de seu produto. Além salientar que hoje a fotografia é importante aliada do texto jornalístico. Muitas vezes serve como base de complementação, ou como prova de que o fato narrado aconteceu e isso ajuda a dar credibilidade ao veículo e aos jornalistas responsáveis pela reportagem.

Sontag (1981) defende que através da fotografia nossas experiências de mundo são ampliadas. Para ela, esses registros nos mostram um mundo novo, que expandem nossas vivências, fazendo passar por nossa rotina elementos, pessoas e eventos o qual não passariam em um mundo sem fotojornalismo. Ela reforça o que outros autores têm falado. Sem imagem, o jornalismo perderia muito de sua força informativa e social.

A pesquisa da fotografia no Jornalismo da UEPG

A riqueza e a importância da fotografia para o jornalismo têm impulsionado muitos pesquisadores à investigação. Cada vez mais, há necessidade de compreender o papel da imagem na televisão, no cinema, na web, nas revistas ou em jornais. Desde o surgimento das primeiras escolas de comunicação, com habilitação em jornalismo, os professores dessas instituições passaram a se capacitar por meio de cursos (mestrado e doutorado), com vistas a entender e interpretar o mundo da comunicação e do jornalismo bem como para entender os reflexos e impactos advindos das transformações tecnológicas e comunicacionais em nosso meio social.

Tais transformações, em todas as partes do mundo, motivaram um movimento de investigação da comunicação e do jornalismo. No Brasil, várias escolas importantes, como a ECA-USP, UFRGS, UNB, UFRJ passaram a utilizar a pesquisa como ferramenta para melhorar o próprio ensino e, ao mesmo tempo, estimular os alunos a participar de editais de iniciação científica e a produzir conhecimento nos cursos.

Esse movimento ganhou força em todo o país, após os anos 90 do século passado, quando aumenta a oferta de cursos de comunicação. A Eca-USP se consolida na pesquisa com a constituição de seu mestrado e doutorado em 1993, assim como a UniSinos, em 1995; a UNB, em 1991; a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a PUC-RS em 1995; a UFRGS e a UFMG 1996. E já nos anos 2000, a UFSC, em 2008.

O papel da pesquisa nas universidades

A filosofia das universidades brasileiras, especialmente as públicas, é ‘trabalhar em cima do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão’. No geral, todas as universidades procuram preparar os alunos para o mercado, desenvolver ações junto à comunidade, por meio de projetos e programas de extensão, e compreender a realidade que cerca cada profissão por intermédio de pesquisa e construção de novos conhecimentos.

Nos cursos de jornalismo do país não é diferente. Com a consolidação desses cursos no Brasil a depois da criação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero fundada em 1947 na cidade de São Paulo, os professores dessas universidades começaram a atuar mais sistematicamente em pesquisa, condição inclusive para ascensão profissional e para manter o próprio status de pesquisador na academia. Além disso, foram obrigados a se “especializar” em uma determinada área (TV, Jornalismo Impresso, Webjornalismo, Rádio, Comunicação Institucional), com o avanço dos meios de comunicação. As

pesquisas empreendidas em cada uma dessas áreas, com o tempo, tiveram reflexos positivos no ensino, nos cursos de graduação e pós-graduação.

Começa-se, de forma gradativa e com a experiência acumulada, a consolidar a prática da pesquisa nos curso de jornalismo das universidades brasileiras, públicas e particulares. Nestas, com menos ênfase, por vários motivos, dos quais se destacam a contratação de professores horistas, falta de estímulo à formação de grupos de pesquisa e prioridade na contratação especialistas como estratégia de economia.

Além de investir na área científica, muitos cursos de universidades estaduais e federais criaram especializações, mestrados e doutorados, procurando integrar em seus grupos de pesquisa, alunos da graduação e pós-graduação, fato que propiciou uma cultura de pesquisa nessas instituições. Foi o que aconteceu nas universidades do Paraná.

Atualmente existem 12 cursos de Jornalismo no Paraná, oferecidos por instituições públicas (federais e estaduais) ou particulares. Das universidades estaduais, atualmente todas têm, em sua maioria, professores doutores atuando na graduação. Ao todo são 7 universidades estaduais, mantidas pelo governo paranaense. Uma dessas é a Estadual de Ponta Grossa, que atualmente conta com um total de 18 professores, sendo 13 deles professores efetivos e 5 colaboradores (temporários). É um dos cursos históricos da UEPG, com 32 anos de existência.

Com a constituição do Mestrado em Jornalismo da UEPG, em 2013 se redimensionou as ações de pesquisa, dando prioridade a constituição de Linhas de pesquisa, vinculadas ao Mestrado. Atualmente são duas linhas: Processos de Produção Jornalística e Processos Jornalísticos e Práticas Sociais, que reúnem vários grupos de pesquisa: Lógicas de Produção de Consumo no Jornalismo, Mídias Digitais, Fotografia, Imagem e Tecnologia (Foto&Tec), Jornalismo e Gênero; Jornalismo e Política: representações e atores sociais.

Para desenvolver este trabalho, utilizou-se de diversas estratégias metodológicas, com a finalidade, como já foi dito anteriormente, de traçar um retrato da pesquisa em fotografia/imagem no curso de Jornalismo da UEPG, que é uma das várias perspectivas de análise adotadas no curso. Entre as estratégias, pode-se destacar o mapeamento da produção dos professores por meio do currículo lattes; envolvendo o registro de artigos e livros publicados, capítulos de livros, apresentação de trabalhos em eventos científicos. A análise, envolve também entrevistas, mapeamento de grupos e linhas de pesquisas, orientações de iniciação científica e de TCCs.

Abaixo, como resultado desse mapeamento geral, apresenta-se um quadro onde se relaciona a produção docente: com ênfase nas atividades desenvolvidas especificamente nas áreas da fotografia, fotojornalismo e da imagem. Antes de apresentar este quadro é importante salientar que o trabalho revela uma visão parcial e pequena da pesquisa no curso, tendo em vista que há diversos professores que dedicam suas investigações a outros campos e gêneros informativos, desenvolvendo análise sobre o jornalismo, meio impresso, radiofônico, webjornalismo, além de pesquisa sobre recepção, gênero, políticas de comunicação e outros

Considera-se justo fazer este adendo, pelo fato de que é ainda tímido o número de docentes que se dedica a investigação da imagem e da fotografia. Outro dado revelador, que demonstra a importância que o curso dá a investigação científica do campo jornalístico, pode ser facilmente confirmado junto a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que anualmente estabelece uma a classificação dos docentes mais pontuados em pesquisa, critério utilizado para a liberação de bolsas de Iniciação Científica. No Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da UEPG, do qual faz parte o curso de Jornalismo, vários professores figuram entre os 20 docentes que mais pontuam em pesquisa: professores (as) Karina Janz Woitowicz, Paula Melani Rocha, Sérgio Gadini, Marcelo Bronoski, Felipe Pontes, Carlos Alberto de Souza, Cíntia Xavier, Hebe Gonçalves, Maria Lúcia Becker. Ou seja, no ranking, estabelecido pela Propesp/UEPG, os professores de jornalismo têm demonstrado que a pesquisa (em suas várias áreas e ramificações) é uma prioridade no curso.

Estes dados por si só já dão conta de que este artigo, apresentado no Intercom 2018, representa apenas uma parte do conjunto de pesquisas que se faz no curso. Mas, ao mesmo tempo, se reveste de importância por evidenciar em números o que se tem produzido de análises na área da imagem e da fotografia. Convém salientar que a produção nessa área tem relação direta com a constituição de grupos de pesquisa e de extensão, que tem como objeto de trabalho a imagem fotográfica. O primeiro e o único grupo de pesquisa na área da fotografia, denominado Foto&Tec, foi criado por iniciativa do professor Dr. Carlos Alberto de Souza, em conjunto com um grupo de alunos interessados na área. As pesquisas em fotografia já existiam antes da formalização do grupo, mas não de forma sistemática. Até o momento este grupo já foi responsável pela produção de cerca de 25 trabalhos de iniciação científica (PIBIC, BIC e Provic). A

participação em iniciação científica, possibilitou a análise de jornais, filmes, revistas, tendo como foco a fotografia e o fotojornalismo.

A criação do grupo de pesquisa Foto&Tec foi uma derivação de um grupo de extensão criado em 2010, o Foca Foto - <https://focafoto.sites.uepg.br/> . A partir dessa experiência, os alunos passaram a perceber a importância da pesquisa sobre imagem e sobre o fotojornalismo. Por serem ambos projetos, coordenados pelo mesmo professor, surgiram atividades conjuntas na área da imagem. Isso resultou, por exemplo, a edição de seis *ebooks* “Coleção Imagética” - Lapa, Paranaguá, Ponta Grossa, Morretes, Castro e Curitiba (este em fase de finalização). Tais obras, organizadas pelo professor Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales, procuram reunir história, fotografia, cultura, análises e ensaios sobre fotografia, fotojornalismo e imagem. Elas estão disponíveis gratuitamente na rede e no site da Proex - <http://www.uepg.br/proex/>, no ícone ebooks. Além desses livros, os dois grupos (FocaFoto e Foto&Tec) também são responsáveis pela Coleção Mídias Contemporâneas, com dois volumes editados em 2014 e 2015, que, a exemplo do Coleção Imagética, reúne pesquisadores de várias partes do Brasil, por meio de capítulos assinados que abordam temáticas e questões voltadas ao cinema, mídias digitais, jornalismo, redes sociais e educomunicação.

O Grupo Foto&Tec tem apresentado suas investigações sobre o campo da imagem e fotojornalismo em vários eventos: Ibercom e Eneimagem (internacionais) Intercom (nacional e regional), SBPJor, Seminários e encontros de pesquisa, Eaic e, também no Conex (uma média de 4 trabalhos por ano), onde alunos da extensão apresentam, por meio de resumos expandidos, as atividades que realizam na área da extensão. Outros professores que têm se dedicado a pesquisa da fotografia e da imagem no curso, de forma sistemática, é o professor Rafael Schoenherr, idealizador do projeto de extensão, Lente Quente, responsável, entre outros trabalhos, pela edição do Livro Massacre de 29 de abril.

Entre as produções na área da imagem e do fotojornalismo, pode-se destacar também as que envolvem análises de manifestações. Historicamente, o curso de Jornalismo da UEPG é engajado em diversas pautas que buscam discussões políticas e sociais.

Em meio as discussões, manifestações reivindicando direitos que acontecem frequentemente na atual conjuntura política, está o Grupo de Extensão Lente Quente. Ele possui um consolidado e reconhecido trabalho na cobertura desses atos. Coordenado

pelos professores Rafael Schoenherr e Marcelo Bronoski, faz coberturas fotojornalísticas diárias, que são veiculadas por meio da web, dos acontecimentos do campo cultural em Ponta Grossa e na Região dos Campos Gerais. Também tem participado da produção de pesquisas, apresentadas em eventos nacionais e regionais. O grupo participa anualmente da apresentação resumos expandidos no Conex, promovido pela Pró-reitoria de Extensão. O projeto tem por principal objetivo realizar produções de fotografias diárias no âmbito da cultura na região dos Campos Gerais, transformando e refletindo cientificamente suas ações e atividades desenvolvidas no meio social. As fotos produzidas pelos integrantes do grupo são veiculadas na internet (www.flickr.com), permitindo um rápido acesso aos interessados. Um dos trabalhos de maior relevo deste projeto de extensão, foi sem dúvida a produção do livro *Massacres de 29 de abril*, organizado pelo professor Dr. Rafael Schoenherr, que teve grande repercussão no meio político e social paranaense. A obra se constitui como um marco do movimento de resistência dos professores das universidades públicas contra a política de arrocho salarial imposta pelo Governo de Carlos Alberto Richa, que durante o movimento grevista das universidades ordenou o uso de força e bombas de efeito moral contra os manifestantes.

Como já foi observado anteriormente, ainda são poucos os professores do curso que se dedicam a fazer pesquisa sobre a área da fotografia. Acredita-se que a efetivação de novos professores no curso, como é o caso do professor Dr. Rafael Schoenherr, que recentemente foi efetivado na instituição, vai ajudar a dinamizar o campo de investigação da imagem. Ele passou a integrar linhas de pesquisa e a compor o corpo docente do mestrado.

Além do professor Carlos Alberto de Souza e Rafael Schoenherr, há outros docentes do Departamento ou que passaram pelo curso, que desenvolvem ou desenvolveram algum tipo de trabalho com imagem (orientação de TCC, artigo, capítulos de livro), porém de forma mais esparsa, como é o caso dos professores Sergio Gadini, Marcelo Bronosky, Marcia Boroski (que atuou como colaboradora durante um determinado período no curso), Karina Janz Woitowicz, Ofélia Torres Morales e Paula Melani Rocha.

A iniciativa de alguns docentes de encarar a pesquisa com imagem tem ajudado a fortalecer o campo da pesquisa em fotografia no curso. Claro que este esforço é muito importante e precisa ser valorizado cada vez mais. Sabe-se que a maior parte dos docentes do curso estão focando suas pesquisas em outras áreas, como já foi salientado anteriormente.

- Tabela de produção científica dos docentes do Curso de Jornalismo da UEPG na área da imagem, fotografia e fotojornalismo baseada no *Lattes*

Docentes	Livros	Artigos	Capítulos	Anais de Eventos	Iniciação científica e TCC's	Coordenação e supervisão de projetos de Pesquisa e extensão	Resumos
Carlos Alberto	6	2	8	47	33	2	58
Rafael Schoenherr	1	0	1	12	9	1	5
Marcelo Bronosky	0	1	0	1	0	1	1
Marcia Boroski	0	0	1	8	0	0	0
Karina Janz Woitowicz	0	0	0	1	2	0	1
Sergio Gadini	0	0	0	1	0	1	0
Ofelia Elisa Morales	4	1	7	4	4	0	4

Dados extraídos do Curriculum Lattes (MAR/2018)

Observação – Três novos livros do Grupo FocaFoto (Castro e Curitiba) e Foto&poemas: diálogo entre arte e ciência, sob a organização do professor Carlos Alberto de Souza/Jor, Paulo Rogério de Almeida/Letras e Josie Agatha Parrilha da Silva/Artes, estão em fase final de diagramação (entre outros trabalhos que estão ainda em desenvolvimento e não entraram na contagem).

Como já foi observado, muitos dos trabalhos desenvolvidos pelos professores do curso foram apresentados em eventos regionais, nacionais e internacionais. Das pesquisas realizadas sobre fotografia e imagem, verificou-se que os métodos e estratégias metodológicas mais comuns são Análise de conteúdo, Análise Técnica e gráfica de imagens, Estudo comparativo, Análise do Discurso, Análise temáticas, entre outras. Dão suporte a esses métodos autores como Laurence Bardin, Quivy e Campeholdt, Eni Orlandi, José Marques de Melo e Philip Dubois.

Entre os trabalhos constam análise da produção fotográfica de revistas, jornais; análises da produção e fotografia de filmes, desenhos e vídeos, bem como de aspectos técnicos e estéticos da fotografia e do fotojornalismo. Geralmente, são usados como referência teóricos importantes da área como Jorge Pedro de Sousa, Roland Barthes e Susan Sontag, como também apoia-se em fotógrafos contemporâneos renomados na área do fotojornalismo, que realizam um trabalho marcante ou inovador neste campo.

Outra forma de produção muito comum realizada no curso é a Análise de Filmes. Mais corretamente chamada de Análise da Fotografia de Filmes. Tais investigações se propõem a fazer análise de como a cinematografia (técnicas da fotografia aplicadas ao cinema como enquadramento, composição, colorização e iluminação) são utilizadas por diretores para que o filme consiga atingir seus objetivos. Já foram desenvolvidas pesquisas envolvendo grandes franquias como os filmes Harry Potter e obras de diretores como Tim Burton e Alfred Hitchcock.

A Análise de Fotografia em Revistas e Jornais é com certeza uma das principais contribuições que a pesquisa traz tanto em âmbito local como nacional. Este tipo de análise, possibilita-nos observar quais os recursos fotográficos e técnicos são mais utilizados por estes meios de comunicação, qual mensagem procuram passar e que aspectos ideológicos, mercadológicos, políticos procura-se evidenciar com a cobertura fotográfica desses veículos informativos. Um exemplo que podemos destacar é a análise da construção da imagem da Presidente Dilma Rousseff nas capas da Revista Veja no segundo mandato presidencial realizado por uma aluna de iniciação científica do grupo Foto&Tec ou o a Análise da Cobertura de Guerra do Vietnã, na Revista Realidade, por outra acadêmica integrante do grupo. São vários trabalhos apresentados em eventos científicos de professores e alunos do curso que se debruçam na investigação da cobertura fotográfica da mídia impressa.

Considerações Finais

Entre ebooks, livros físicos e a apresentação de trabalhos em eventos regionais, nacionais e internacionais se desenvolve a pesquisa em fotografia no curso de Jornalismo da UEPG, que concentra a atenção nas velhas e nova mídias, com a finalidade de entender as dinâmicas comunicacionais e interpretar, a partir da difusão da imagem, os diversos veículos midiáticos

Ao direcionarmos o olhar de maneira mais focada ao curso, pode-se observar que a pesquisa da fotografia e da imagem no Jornalismo da UEPG está começando a alçar voo, mas o seu desenvolvimento e consolidação ainda depende do envolvimento de novos docentes e alunos, tanto da graduação como do mestrado. Aos poucos estes números tendem a aumentar. O curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa é um dos principais produtores de pesquisa na área da pesquisa do jornalismo e da comunicação. Contudo, a comunicação é campo muito vasto, com demasiados espectros

que podem e devem ser investigados. Talvez esse seja um dos grandes motivos para a falta de atenção mais sistemática a área da fotografia, em função de profusão de objetos de pesquisa neste campo. Ainda assim, a a pesquisa da imagem se desenvolve com êxito no curso, nos proporcionando novos olhares sob a fotografia e o mundo.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: SENAC, 2002

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Porto Alegre: EdiPucRS, 1991.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1994.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar**: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. São Paulo: Anais do museu paulista, 2005.

OLIVEIRA, E. M. de; VICENTINO, A. **Fotojornalismo**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SOUSA, J. P. (2004). **História crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Griphos, 2004.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.